

APRESENTAÇÃO

Como a Sociologia Econômica pode explicar os fenômenos do mercado de forma diferente daquela dos economistas? Como atores e instituições (leis, regras, práticas informais) articulam-se para produzir uma estrutura de sentidos aos encontros regulares que se processam naquelas arenas sociais que chamamos mercados? Estas são as questões centrais que definem a construção deste dossiê.

Os artigos apresentados neste dossiê sobre Sociologia dos Mercados são fruto do Grupo de Trabalho “Sociologia Econômica” reunido no XV Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS em junho de 2015 na cidade de Porto Alegre. Os pesquisadores brasileiros desta disciplina reúnem-se, ora na ANPOCS ora na SBS, há quase uma década. Ao longo deste período, consolidou-se uma ampla rede de pesquisadores de todas as regiões brasileiras, os quais se dedicam a analisar os fenômenos econômicos utilizando as lentes analíticas da sociologia, e emprestando especial atenção para o tema da construção social dos mercados.

Os artigos aqui reunidos são fruto de pesquisas empíricas e reflexões teóricas e avançam argumentos em diferentes áreas em diálogo com outras disciplinas, sobretudo com a Sociologia Política. Este dossiê reflete o crescimento, a representatividade e a diversidade de temas de pesquisa que definem o perfil da Sociologia Econômica no Brasil. Chama atenção, todavia, a estreita interface que, no contexto brasileiro, esta área tem desenvolvido com as questões relacionadas à agricultura e ao mundo rural, as quais são encontradas nos cinco primeiros artigos deste dossiê.

O artigo que abre o dossiê, de autoria de Marisa Singulano, discute a organização do mercado do café de Matas de Minas. Em diálogo crítico com a Economia dos Custos de Transação, a autora mostra como a produção de padrões de qualidade como decorrência da desregulamentação do setor cafeeiro gerou novas formas de coordenação entre intermediários e cafeicultores. Similarmente ao caso dos morangos de Fontaines-en-Sologne estudado por Garcia-Parpet, esta região identificada como de baixo nível tecnológico e baixa qualidade dos produtos passou por um processo de reconversão e conquistou reputação no setor cafeeiro.

O artigo de Marcia da Silva Mazon analisa a construção social da qualidade como processo contestável a partir do mercado do leite no Brasil. A autora focaliza o processo de globalização, a chegada das multinacionais ao país tão bem como as disputas em torno da qualidade do produto por diferentes atores. Alternando a análise para a pecuária de corte, o terceiro artigo de Ana Paula Perrota trata do abate bovino e discute as novas exigências impostas ao mercado nacional de carne para atender padrões éticos internacionais relacionados às condições de vida e morte dos animais abatidos, as quais são traduzidas em termos de normas de bem estar animal e abate humanitário. A autora conclui que, sob a pressão externa moral, novas exigências são apropriadas, ressignificadas e transformadas em diretriz gerencial interna aos frigoríficos, implicadas com a lógica produtiva.

O quarto artigo, redigido por Paulo Niederle, propõe um exercício de aproximação entre a Teoria do Reconhecimento e aportes institucionalistas das Sociologia Econômica, focalizando as disputas morais em torno da construção de dispositivos de valoração de alimentos. O artigo mostra como agricultores familiares, quilombolas e indígenas mobilizam selos na produção de diferentes alimentos como forma de luta por reconhecimento. Também focado na questão da qualificação dos alimentos, o quinto artigo de Santos e Higgins analisa como a qualidade se transforma em elemento-chave na consolidação do mercado de produtos orgânicos. O artigo analisa a construção de padrões de qualidade para produtos orgânicos, destacando os atores que participam desta construção. Este processo se realiza por meio da institucionalização de uma concepção de controle desenhada com a participação do Estado.

Discutindo os temas da responsabilidade social e investimentos sustentáveis, dois artigos abrem a segunda seção do dossiê. O artigo de Jacques, Santos e Orchard discute a formação dos Acordos Marco Internacionais (AMIs) que associam o protagonismo sindical e as empresas para a geração de trabalho decente nas redes de fornecimento. O foco empírico da pesquisa foi a empresa multinacional Inditex, do ramo têxtil e de confecções do vestuário, para a qual os autores propõem uma comparação entre Brasil e Portugal. As autoras observam que as novas ferramentas de RSE, como os AMIs, privilegiam as diretrizes do trabalho decente. Contudo, a pesquisa revelou que, sem alterações no modelo de gestão da cadeia produtiva *fastfashion*, os AMIs têm pouca eficácia para a redução das *sweatshops* e da precarização do trabalho.

O artigo de Marina Sartore propõe uma reflexão sociológica sobre a construção social do mercado do Investimento Sustentável, provocada pelo surgimento da Iniciativa para a Bolsa de Valores Sustentável. Três aspectos são destacados: (1) o sistema de classificação pelo questionário que explicita o perfil das bolsas de valores, (2) a influência dos países do norte na criação dos índices que funcionam como sistemas classificadores e o (3) papel dos *road-shows* onde circulam atores *philanthropes* e híbridos da mundialização. A autora conclui que estas formas de classificação e difusão devem ser consideradas elementos centrais para a compreensão dos mercados, tanto em âmbito local como global.

Ainda no tema das finanças, o artigo de Ana Carolina Bichoffe apresenta dimensões do mercado de títulos da dívida pública brasileira através de uma leitura da manifestação do risco de crédito soberano. A autora destaca dois momentos políticos considerados marcadores relevantes da constituição desta morfologia econômica e financeira. O artigo mobiliza aportes da sociologia crítica, no qual a trama financeira é posta em perspectiva pelo viés histórico e cultural. A proposta é contribuir com um referencial analítico que rompa com a forte inclinação economicista que domina as explicações e problematizações sobre o tema.

Elaine da Silveira Leite analisa o surgimento de escolas, cursos superiores e manuais de economia doméstica correlacionando-os com as diferentes ondas do movimento feminista. O artigo procura mostrar como, ao longo da produção do conhecimento de tais cursos houve ofuscamento das atividades econômicas que envolvem o ambiente doméstico e a intimidade naturalizando a atribuição de ações racionais aos homens.

Na sequência o artigo de Marcelo Carneiro analisa a produção siderúrgica da Amazônia. Diante dos grandes escândalos relacionados à denúncia de trabalho escravo na cadeia de fornecedores de carvão vegetal o artigo analisa as estratégias mobilizadas pelas empresas para enfrentar os efeitos da crítica. O autor parte da tipologia proposta por A. Hirschman e identifica três estratégias – saída, voz e lealdade – correlacionando-as com propriedades sociais dos grupos empresariais da região.

Finalizando o dossiê o artigo de Cassol, Salvate e Schneider apresenta a perspectiva dos mercados imersos, ou *nested markets*, como mercados

socialmente construídos e imersos em relações entre diferentes agentes que compartilham um conjunto de regras, normas, valores e convenções sociais. A partir da análise de dois casos empíricos – de turismo rural no Roteiro Caminhos de Pedra e da Feira do Pequeno Produtor de Passo Fundo/RS – discute-se a construção e dinâmica destes mercados, mostrando como se relacionam com os mercados mais amplos, o que faz com que não operem isoladamente, mas sofram influências e estejam constantemente interagindo com os mercados convencionais.

Marcia da Silva Mazon
Paulo André Nierderle